

Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

DISPOSITIVAS PERFORMATIVAS DE TRANSGRESSÃO DO GÊNERO NA ESCOLA A PARTIR DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Levi Mota Muniz¹

RESUMO

Este artigo visa a apresentar três contradispositivos, aos quais intitulamos “dispositivas”, para repensar as relações e os pensamentos-ações de gênero na Escola a partir do Programa de Residência Pedagógica de Teatro da Universidade Federal do Ceará. A perspectiva é pensar como transgredir ações performativas de gênero a partir da relação olhar-perceber-performar, tendo como pilar as relações e processos de docência-criação entre residentes e estudantes, tanto em sala de aula quanto em outros espaços da Escola.

Palavras-Chave: Transgeneridades. Dispositivas. Escola. Residência Pedagógica. Performance

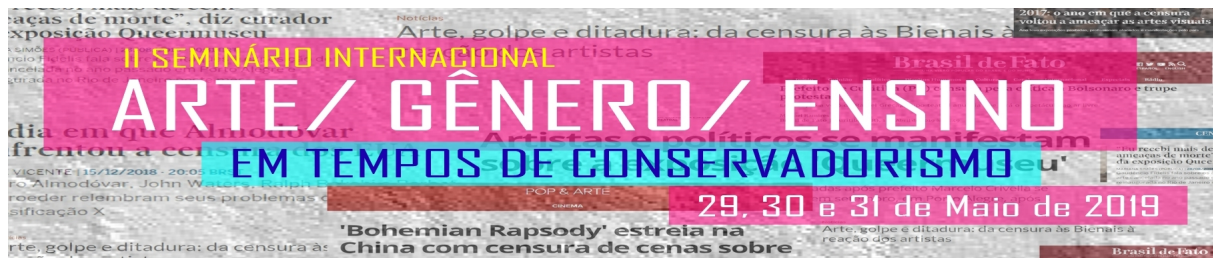
PERFORMATIVE DEVICES OF GENDER TRANSGRESSION AT SCHOOL OUT OF THE PEDAGOGICAL RESIDENCE PROGRAM

ABSTRACT

This article aims to present three antidevices, which we call "transdevices", to rethink the relations and the thoughts-actions of gender in School out of the Pedagogical Residence Program of Theater of the Federal University of Ceará. The perspective is to think about how to transgress performative actions of gender from the relationship look-perceive-perform, having as a pillar the relations and processes of teaching-creation between residents and students, both in classroom and in other spaces of the School.

Keywords: Transgender. Transdevices. School. Pedagogical Residence. Performance

¹ Levi Mota Muniz, professor-pesquisador-multiartista, Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pela UBC(Universidade Braz Cubas), Mestrando em Arte pela Universidade Federal do Ceará, Professor da Rede Pública de Ensino do Estado do Ceará, levifec@gmail.com/<https://www.levimotamuniz.com/>, Fortaleza, Ceará, Brasil



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-*

INTRODUÇÃO

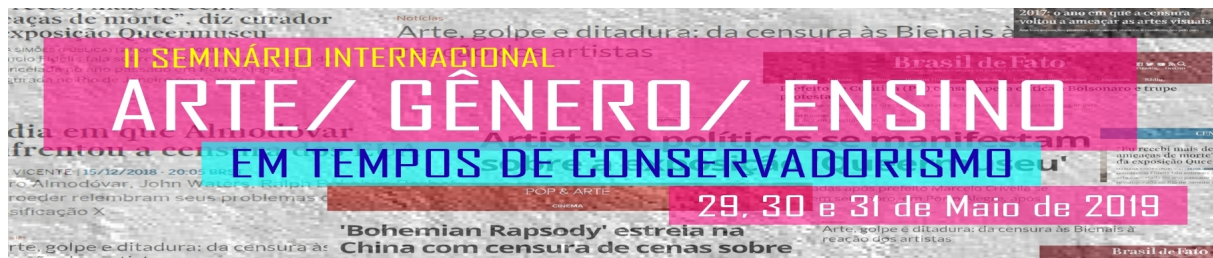
Este artigo objetiva apresentar três contradispositivos (AGAMBEN, 2010), intitulados aqui como “dispositivos”, para repensar as relações e as concepções-ações em gênero na escola. As dispositivos apontadas aqui são “Visualidades dissidentes e a noção de existência”, “o afeto como disparador da assimilação da identidade monstra” e “performance enquanto instigador de contaminações transgressoras”. Construimos as conjecturas a partir de ações no Programa de Residência Pedagógica em Teatro da Universidade Federal do Ceará, na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Telina Barbosa da Costa. A escola situa-se na Messejana, bairro de grande vulnerabilidade socioeconômica de Fortaleza, quarta capital brasileira no *ranking* de feminicídios e onde ocorrem casos rotineiros de transfeminicídio, como o conhecido caso de Dandara, em 2017. A perspectiva desta pesquisa é pensar como transgredir ações performativas padronizadas de gênero a partir da relação olhar-conhecer-performar, tendo como pilar as relações e processos de docência-criação entre residentes e estudantes, tanto em sala de aula quanto em outros espaços da escola.

METODOLOGIA

As dispositivos foram desenvolvidas a partir de uma metodologia performativa (HASEMAN, 2015) e investigadas enquanto pesquisa-ação dentro do Programa de Residência Pedagógica, de agosto de 2018 a março de 2019, configurando-se como possibilidades reais de lidar com gênero na escola. Entende-se que a pesquisa desenvolve-se não apenas nesse texto, mas em todos os espaços de criação na fricção arte-gênero-ensino a partir das vivências do núcleo de Residência na EEMTI Telina Barbosa da Costa, este contando, inicialmente, com nove residentes e uma professora supervisora. Na metodologia performativa proposta por Brad Haseman(2015), propõe-se uma ampliação das noções de pesquisa em relação aos pressupostos das metodologias qualitativas e quantitativas, englobando todo o processo enquanto material científico-artístico-performativo. Construimos as conjecturas em ações com a Escola no pátio (primeira dispositiva e terceira dispositiva) e em sala de aula (segunda dispositiva), tendo contato direto ou indireto com toda a comunidade escolar, especialmente estudantes, cerca de 650 pessoas.

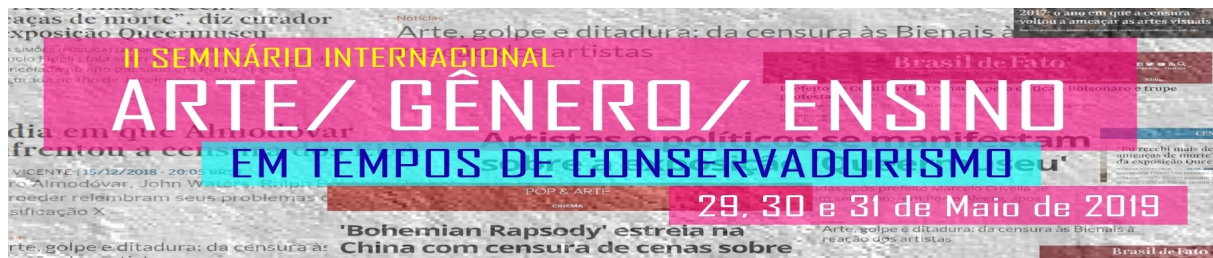
RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira dispositiva, “Visualidades dissidentes e a noção de existência”, consiste em notar que a entrada de seres que quebram a trajetória das expressões binárias e/ou normativas de gênero na escola é, por si só, um dispositivo para reinventar essas práticas na escola. Assim, opera-se aqui o olhar, as fricções visuais, as dissidências que ainda não se dão na perspectiva do contato somático. É importante pensar aqui no visível-invisível de gênero proposto por Suely Rolnik (1998), para evidenciar as figuras legitimadas de gênero na sociedade (que se erigem na figura cisheteronormativa do homem e da mulher) e os seres de identidades dissidentes, borradas, transgressoras, bizarras. Consideramos enquanto dispositivos visuais



Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-

dissidentes toda prática visual que não se erija a partir dos atos heteroterroristas (BENTO, 2011), e entendemos que esses dispositivos visuais são tanto produto como combustível de um processo de descobrimento de sua própria identidade. É importante que esses dispositivos estejam presentes no espaço escolar como forma de repensarmos o gênero a partir de uma “noção de existência” ou de um processo humanizador que esquiva-se constantemente na vivência dos seres transviados e estranhos (BUTLER, 2010). Ou seja: conseguimos enxergar a possibilidade de outras experimentações que não a que nos é apresentada diariamente no cotidiano escolar (binária, heteroterrorista, compulsoriamente cisgênera) e, a partir desse enxergar, podemos notar que elas, de fato, existem. Essa dispositiva, assim como as outras, agencia-se enquanto uma ferramenta performativa, ou seja, é um potencializador das relações dentro do espaço que acontece (FABIÃO, 2009). Isso foi facilmente notado por nós, quando, logo nos primeiros encontros de residência, encontramos diversos(as) alunos(as) tocando os apliques de Isadora e as roupas de Vitrilis; admirando o cabelo ruivo, cacheado e volumoso de Kaye; elogiando os croppeds de Key; perguntando qual a cor do cabelo de Will; apreciando as tatuagens de Suy; se assustando com as minhas lentes e maquiagens e ainda outras relações. A seguir, apresenta-se “afeto como disparador da assimilação da identidade monstra”, focando-se, aqui, nas relações entre residentes e estudantes dentro de sala de aula, operando com o conceito de monstro-monstruosidade de Cohen (2000), em seu artigo *Sete teses para um monstro*, e nos afetos espinoseanos esmiuçados por Deleuze (2002) e Eleonora Fabião (2009) no desvendar dessas identidades monstras pelxs discentes. A perspectiva de docência performativa vem a partir de Elise Pineau (2006), atravessada pelos outros estudos citados. A segunda dispositiva articula-se a partir dos contatos continuados que as residentes mantêm com a escola, especialmente nos espaços de sala de aula enquanto território de concentração dos afetos. Pensa-se no afeto para além do mero gostar. Afetar, nesse sentido, tem caráter de atravessar, gerar, locomover, movimentar. É necessário, se concebemos a escola como um espaço heteroterrorista, que afasta continuamente corpos dissidentes dos seus processos de abertura, movimentar paradigmas - por vezes rompê-los, almejando inventar outras formas de ser e estar, de afetar e ser afetado no mundo. A formação dos corpos, esta se dando por meio de afetos, precisa de instrumentos mais integrativos para entender a multiplicidade do gênero e da sexualidade. Em nossa perspectiva, a sala de aula funcionou enquanto um espaço para que estudantes e residentes pudessem ter um contato continuado e, assim, para que as identidades que antes aparentavam ser estranhase e inumanas para xs jovens fossem, aos poucos, assimiladas. Em uma terceira camada das dispositivas, “performance enquanto instigador de contaminações transgressoras”, almeja-se aqui uma etapa mais ousada para pensar ações de performance e/ou cênicas (FABIÃO, 2009) na escola como um todo, sejam estas a partir de instigações visuais (como cartazes com instigações, fotografias espalhadas pelos corredores) ou corpóreo-somáticas (FERNANDES, 2018), ambas realizadas no segundo semestre de 2018. Noto que, a partir das performances realizadas, instaurou-se uma possibilidade de pensar a própria escola enquanto um espaço propenso ao processo de criação, protagonizado por estudantes e residentes. Importante considerar que, como Virginia Kastrup(2018) propõe, todo processo de criação é um processo de criação de si e do mundo. É também fazer devolver, Jota Mombaça (2016) aponta, a possibilidade criativa/imaginativa para os seres historicamente abjetos e oprimidos, que para além das redomas sociais que os



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-*

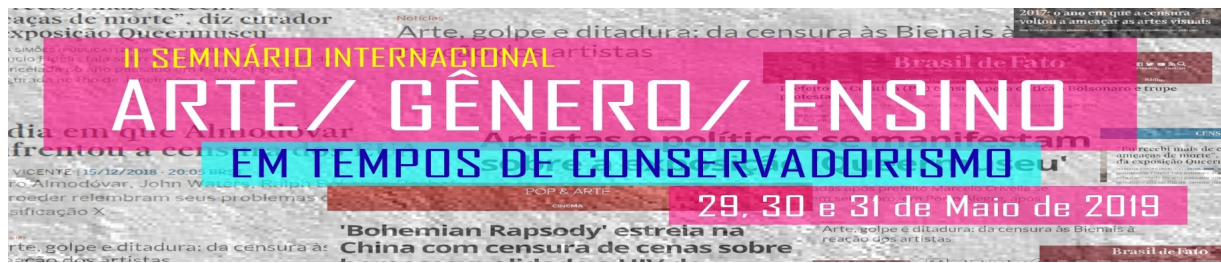
sufocam no presente, também são instigados a não construir possibilidades imaginativas-inventivas para um futuro diferente. Se antes a escola não despontava enquanto uma zona criativa e sim enquanto um espaço de estagnação do corpo-mente, agora conseguimos enxergar, pela performance, corpos contaminados, imersos em um processo de (auto)invenção, a partir de suas pulsões, questionamentos e desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na EEMTI Telina Barbosa da Costa, traçamos, em nossa trajetória cartográfica, três dispositivas que combinam percepção, afetação e um agir performativo em busca de um ambiente que seja mais aberto para a entrada e permanência de corpos dissidentes na perspectiva do gênero e sexualidade. Importante salientar que, a despeito de destacarmos aqui essas duas questões, sugerimos que esse processo também torna-se válido para reinventar pedagogicamente estruturas sociais que excluem por raça, classe, religião, cultura e outras formações identitárias. Assim, buscamos, sobretudo, uma escola que se torne apta à discussão sobre identidade de maneira ampla, incluindo, aqui, os corpos monstros e não-binários que estiveram marginalizados destes ambientes desde suas origens (e ainda estão). Almeja-se refutar discursos e ações heteroterroristas, preconceituosas e discriminatórias, e ressaltar performativamente a multiplicidade dos seres e a beleza em suas transgressões pessoais. Por conta de uma exclusão compulsória, tende-se a pensar que nossos corpos não podem habitar e conviver com os espaços escolares: isso não é verdade. Somos afastadas desses territórios e coagidas, de maneira violenta, a não nos fazer presentes enquanto alunas, professoras, coordenadoras, funcionárias e outras agentes da comunidade escolar. Mas encontramos nos dispositivos aqui apresentados uma metodologia de ser e estar no espaço: performativa, aberta, transgressora, somática e monstruosa. Sempre em vias de desconstrução, apresentando, sobretudo, maneiras de reconstruir ou de reinventar estruturas menos rígidas e mais abertas às identidades em um geral. Assim, esperamos fazer urgir uma escola que nos caiba, que nos possibilite viver, aprender, ensinar, educar, experimentar, questionar, performar, e, sempre, (TRANS)formar.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: **outra travessia**, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 19, n.2, 2011.
- COHEN, Jeffrey. “A cultura dos monstros: sete teses”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Tradução de



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-*

Tomaz Tadeu as Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

DELEUZE, G. **Espinosa – filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta, 2002

FABIÃO, Eleonora; “Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea”. In: **Sala Preta**, Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da ECA-USP, n. 8, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>

FERNANDES, Ciane. **Dança Cristal: da arte do movimento à abordagem somático-performativa**. Salvador: EDUFBA, 2018

HASEMAN, Brad. **Manifesto pela Pesquisa Performativa**. In: SILVA, Charles R.; FELIX, daina; et al (orgs). Resumos do 5 Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP. São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015.(p. 41-53)

KASTRUP, Virgnínia. **CEGUEIRA E INVENÇÃO: cognição, arte, pesquisa e acessibilidade**. EDITORA CRV, 2018

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32ª Bienal de São Paulo - – Incerteza Viva, 2016.

PINEAU, Elyse Lamm. **Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma visão prospectiva**. Revista Educação e Realidade. Nº 35(2), maio/ago, 2010, p. 89-113.

ROLNIK, Suely. **Guerra dos Gêneros ou Guerra Aos Gêneros**. Ensaio escrito sob encomenda de TRANS. Arts. Cultures. Media (Nova York, Passim, inc.), para a abertura da sessão «Genders War» no 3 da revista (1996a, no prelo).